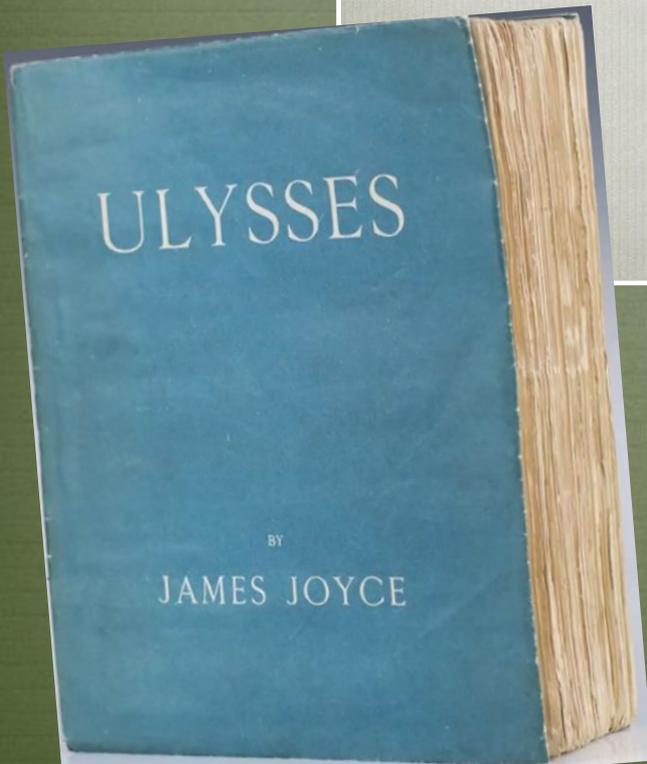


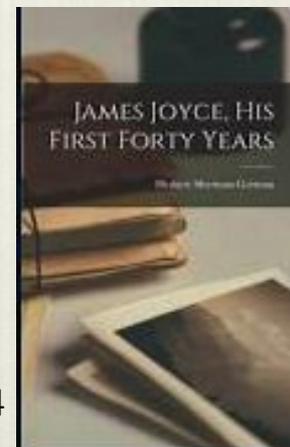
ULYSSES @ 100
CICLO DE LEITURA DO CAPÍTULO
7

9 & 10 DE FEVEREIRO

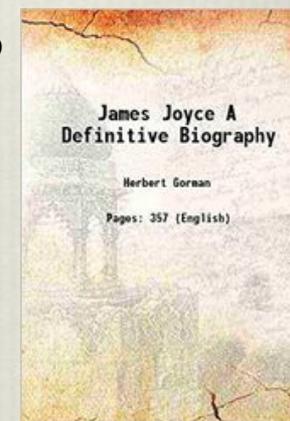
LAURA P.Z. IZARRA (DLM/FFLCH)



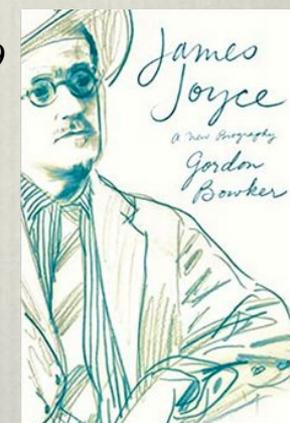
Biografias



1924

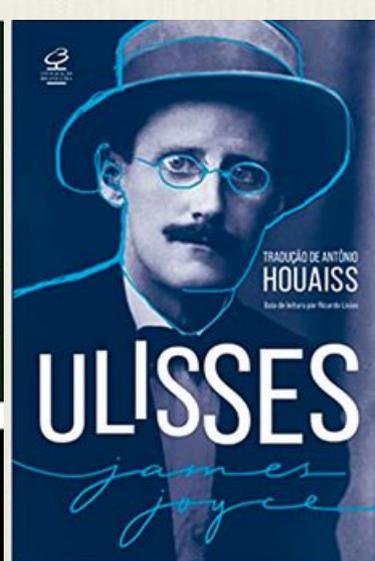
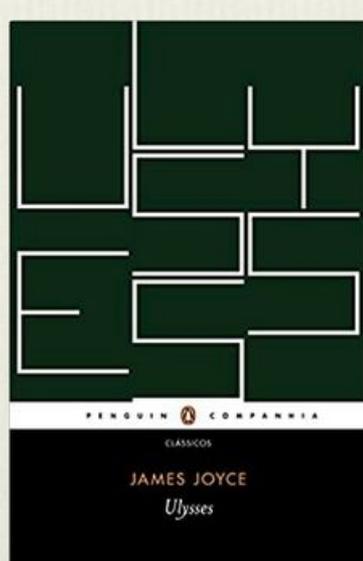
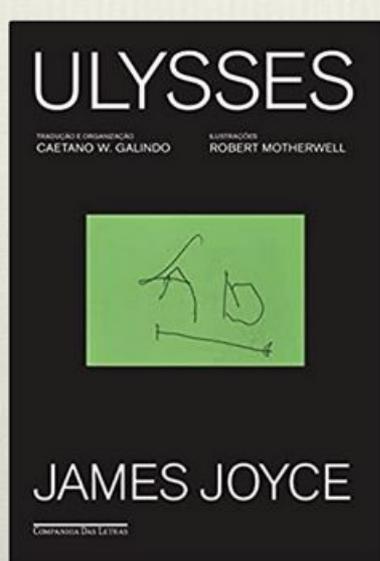


1939

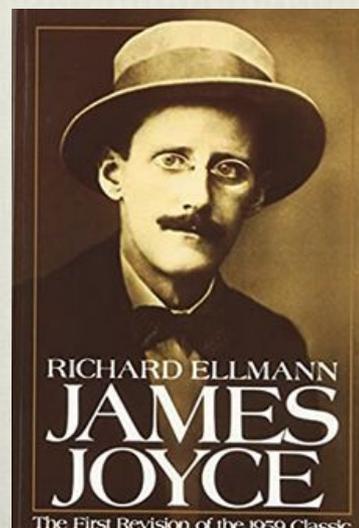
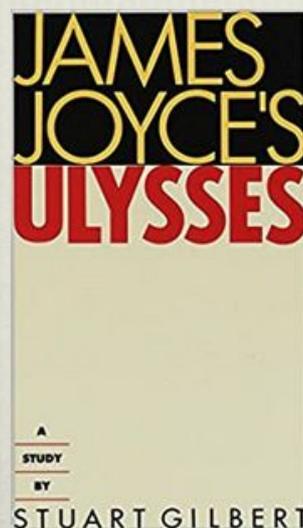
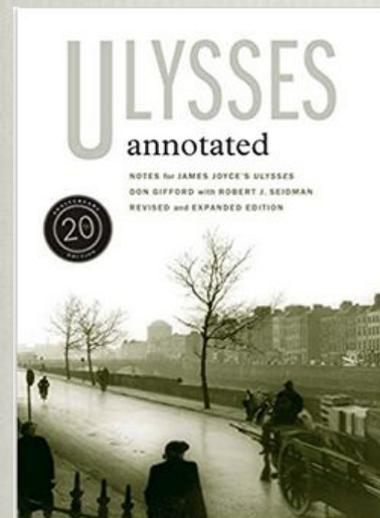


1949

Traduções



Estudos



STUDY BY

JAMES JOYCE

COMPANHIA DAS LETRAS

ULYSSES

Episódio 7
ÉOLO

Leitura 1:

- Introdução
- Estrutura ❖ *Odisseia* de Homero
 - Narrativa
 - Linguagem



537638054

Éolo, carcereiro e rei dos Ventos. A tragédia de Ulisses na mitologia grega (gravado em madeira, publicado em 1880)

ÉOLO

Estrutura

Stuart Gilbert. James Joyce's *Ulysses* (Penguin Books, 1963)

- ❖ Cena: o Jornal
- ❖ Hora: meio dia
- ❖ Órgão: pulmões
- ❖ Arte: retórica
- ❖ Cor: vermelho
- ❖ Símbolo: Editor
- ❖ Técnica: entimemática

O Jornal

- ❖ “‘No cotidiano, tudo é cotidiano’, diz Maurice Blanchot, ‘mas no jornal tudo é estranho, sublime, abominável.’ O jornal, incapaz de captar a insignificância do cotidiano, porque seus autores não podem lidar com o que está escondido além do óbvio, aproveita eventos aparentemente dramáticos, ‘substituindo o *nada acontece* pelo vazio de uma notícia em que *algo acontece*’.” (p.113)

- ❖ Declan Kiberd. *ULYSSES AND US. THE ART OF EVERYDAY LIVING.*
London: Faber & Faber, 2009

Episode 7

www.columbia.edu/~fms5/ulw07.htm

Os caminhos de Bloom e Stephen se cruzam mas não se encontram. Cada um tem um monólogo, mas em todo o episódio falam e escutam como os outros protagonistas:

- Crawford (o jornalista);
- Simon Dedalus (quase político);
- Professor MacHugh (classicista e estudioso);
- Stephen (o artista);
- J.J. O'Molloy (procurador);
- Lenehan (estusiasta dos esportes);
- Bloom (publicitário)
- Molly (cantora)

[*Omnium gatherum* □ SACO DE GATOS (conjunto de mentes diversas), p. 270-71]

- ❖ NARRATIVA: circular e auto-reflexiva
narrativas entrelaçadas, porém fragmentadas
Interrupções na forma e no conteúdo
“technopoetics”: tecnopoética

várias



A estrutura do capítulo se assemelha à pintura de Picasso, "Les Demoiselles d'Avignon", pintada em 1907. Óleo sobre tela que se encontra no Museum of Modern Art, de New York.

Episode 7

- ❖ LINGUAGEM: gramática □ **retórica** □ lógica (Jesuit education)
- ❖ X perigos dos clichés mecânicos promovidos pelos jornalistas
- ❖ Penetração dos diários na mente popular
- ❖ Os diários reduzem uma notícia à mera sensação
- ❖ **OBJETIVO:** representar a frustração da pessoa comum: Bloom em publicar um anúncio; O'Molloy em conseguir um empréstimo; Lenehan em narrar um enigma; o nacionalismo na busca do auto-governo
- ❖ Padronização do discurso (pseudo-individualização) □ o absurdo a produção em massa cria um halo ilusório para escolha do consumidor
- ❖ Prensa □ mecanização da voz humana □ a palavra escrita se ossifica (não constrói uma verdade) □ dinamismo da dialética

Alguns tópicos

- ❖ Mundo da MECANIZAÇÃO – o Modernismo
- ❖ MANCHETES/TÍTULOS □ história do jornalismo
Ex. COMO SE FAZ UM GRANDE VEÍCULO DIÁRIO (p.250)
- ❖ RETÓRICA: deliberativo □ J.F. Taylor
(discurso sobre o êxodo judeu)
judiciário □ defesa do Seymour Bushe de seu cliente
epidíctico □ “ERIN, GEMA VERDE DO MAR ARGENTO” (p.256)
- ❖ CONTEXTO HISTÓRICO □ University Question
a coluna de Nelson
Easter 1916 fundação do Estado
Livre Irlandês

Narrativa

- ❖ Ruptura do fechamento da narrativa linear para a experimentação: reversão.

CAVALHEIROS DA IMPRENSA

Rudebotas de carrinhadores rolavam barris baqueocantes dos depósitos da Prince's e os largavam na carreta da cervejaria. Na carreta da cervejaria largavam-se baqueocantes barris rolados por rudebotas de carrinhadores dos depósitos da Prince's.

(p.247)

Todos os exemplos são da tradução de Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras/Penguin, 2012.

O senhor Bloom estacou atrás do corpo parco do diretor de redação, admirando uma coroa lustrosa.

Estranho ele nunca ter visto o seu país de verdade. Irlanda meu país. Eleito pelo College Green. Ele bateu naquela tecla de trabalhador comum horário comercial o quanto pôde. São os anúncios e as manchetes secundárias que vendem um hebdomadário e não as notícias rançosas da gazeta oficial. A rainha Anne morreu. Publicado pelas autoridades no ano de um mil novecentos e. Propriedade sita na freguesia de Rosenallis, baronato de Tinnachinch. A quem interessar possa arrolamento determinado por força de lei expondo as cifras referentes aos burros e mulas exportados de Ballina. Notas da natureza. Quadrinhos. A estória semanal de Pat e Bull do Phil Blake. A página do tio Toby pros pequeninos. Enquetes de capiaus. Caro senhor editor, qual é uma cura boa para a flatulência? Eu ia gostar dessa parte. Aprender bastante ensinando os outros. A coluna social Quase Só Fatos. Quase só fotos. Banhistas formosas em praia dourada. O maior balão do mundo. Celebrado o casamento duplo de irmãs. Dois noivos rindo solto um do outro. O Cuprani também, impressor. Mais irlandeses que os irlandeses.

Narrativa

- ❖ Manchetes e títulos arbitrários
□ manchetes dentro da manchete; títulos desconexos.
- ❖ Analogia com a Odisseia: o caos provocado quando a bolsa dos ventos é rasgada e eles são liberados. (p.250)

A tecnologia

- ❖ O humano **X** a tecnologia
- ❖ Modernidade industrial
- ❖ O poder destrutivo de uma tecnologia não supervisionada. As notícias não tem conteúdo...discursos significativos... □ “smash a man to atoms” □ corpo de Patrick Dignam em decomposição = palavras mortas (p.249)

É COM AUTÊNTICO PESAR QUE VIMOS ANUNCIAR O PASSAMENTO DE RESPEITADÍSSIMO CIDADÃO DE DUBLIN

O Hynes aqui também: relato do enterro provavelmente. Prensa prensando. Nesta manhã os restos mortais do falecido senhor Patrick Dignam. Máquinas. Reduziam um sujeito a uns átomos se pegassem de jeito. Governam o mundo hoje em dia. O maquinário dele também está lá se esfalfando. Que nem essas, ultrapassadas: fermentando. Lidando sempre, labutando sempre. E aquele rato cinza velho lidando pra entrar.

A tecnologia

- ❖ O ritmo das máquinas 3x4, ritmo de uma valsa, *dança macabra* (p.250) □ circularidade de Sísifo □ impossibilidade de paralizar as máquinas

As máquinas tilintavam em compasso três por quatro. Prensando, prensando, prensando. Agora se ele ficasse paralisado ali e ninguém soubesse como parar aquelas prensas elas iam continuar tilintando sem nem dar por isso, imprimir e comprimir e oprimir e deprimir. Bagunçar a coisa toda. Precisa ter cabeça fria.

A tecnologia

- ❖ As máquinas falam por si mesma, mas são incompreendidas como as personagens (p.253)
- ❖ SOLETRANDO

Sllt. O cilindro inferior da primeira das máquinas projetou sua bandeja com sllt a primeira fornada de mãos de jornais dobradas. Sllt. Quase humano o jeito que ela fica slltando pra chamar atenção. Fazendo o melhor que pode pra falar. Aquela porta também estava slltando quando rangia, pedindo pra ser fechada. Ao seu modo tudo fala. Sllta.

Narrativa

Resumo Leitura 1

- ❖ Tensão entre a unidade e a fragmentação □ parodia à coerência e fechamento de narrativas.
- ❖ Os títulos são uma forma de quebrar essa linearidade, é uma ruptura estilística, tonal e visual.
- ❖ Unidades de discurso separadas □ diversidade de leitores (p.250)
- ❖ Intromissões; interrupções □ na contramão da finalidade de um jornal: ser objetivo e sem ambiguidades! “unidade e coerência”! princípio, meio e fim da narrativa é artificial frente ao caos da realidade.
- ❖ Retomadas como se fosse um romance em episódios: ex. inicia diante da coluna de Nelson e termina no alto da coluna de Nelson com “duas velhotas de Dublin” (*Parable of the Plums*).
- ❖ Títulos bombásticos acabam ocupando o mesmo espaço do que o texto.
- ❖ A causa persistente das interrupções e distúrbios é a tecnologia

A Tecnologia

Resumo Leitura 1

- ❖ Memória e tecnologia □ sistema mnemotécnico
ex. Ó EÓLIA HARPA (número de telefone de
Keyes; p.261-2)
- ❖ ponto de vista utópico da tecnologia? □
humanizar o processo mecânico ou mecanizar o
humano. Sociedade Teosófica; Sociedade
Hermética □ os objetos/ as coisas têm consciência
- ❖ Ver o maquinário por trás do texto.
- ❖ Recusa de parar as interrupções, parar as
máquinas, cortar o texto....

Éolo

Considerações

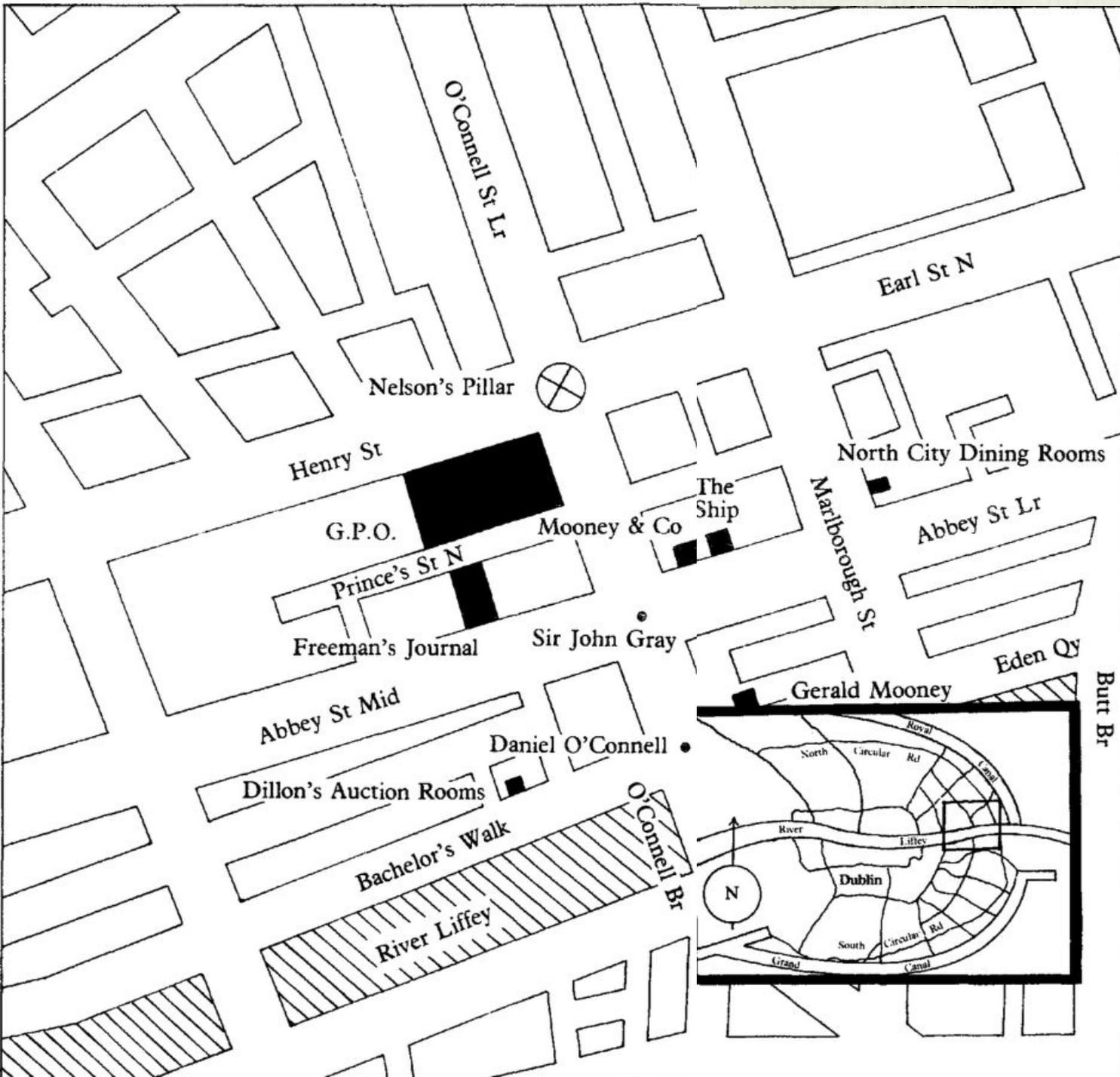
- ❖ “Éolo” foi a única leitura gravada de *ULYSSES* feita por Joyce, supervisionado por Piero Coppola (c.1924)- (discurso fragmentado nas “manchetes” IMPROMPTU; PATRÍSTICA (p.279-280)
- ❖ Derrida em “Ulysses Gramophone” □ “um imenso cartão postal”; “written in installments for the *Little Review* they were very much like postcards or open letters.”
- ❖ **Motivo e impacto** □ sua relação com a tecnologia e sentimento de fracasso
- ❖ Donald Theall writes:
“The construction of *Ulysses* is related to Joyce's technopoetics, a theory that regards the writer, who is coproducer with his consumers, as a literary, or perhaps more precisely, a poetic engineer. The process of the evolution of *Ulysses* . . . illustrates how intensely Joyce wished to construct *Ulysses* with a conscious recognition that the contemporary literary work of art is a machine.”

Episódio 7 Leitura 2:

Estrutura
narrativa
linguagem

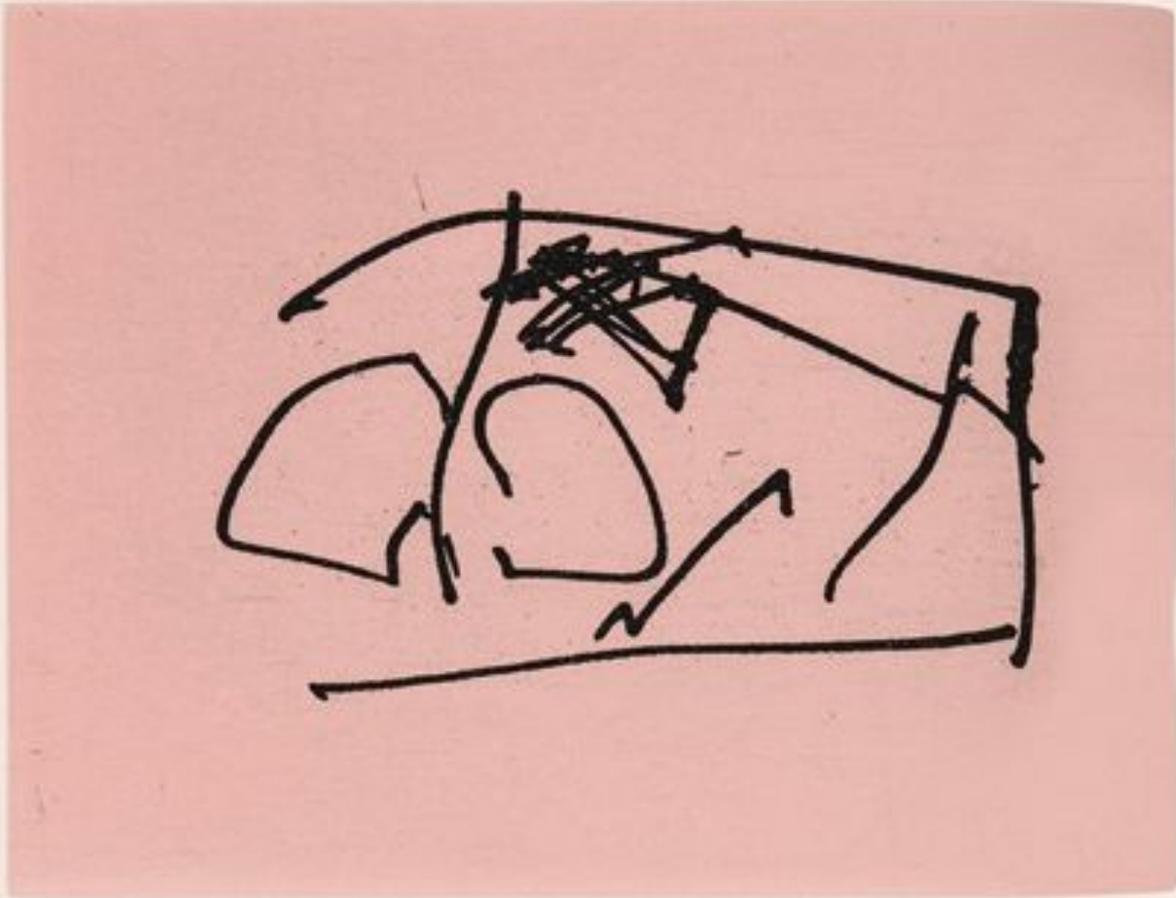
- entimema

- contexto



ULYSSES

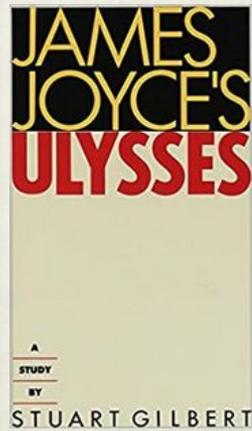
- ❖ Joyce to Frank Budgen : [he] hoped "to give a picture of Dublin so complete that if the city one day suddenly disappeared from the earth it could be reconstructed out of my book."
- ❖ A própria criação de Joyce é, na verdade, uma recriação de jornais e mapas, diretórios e memórias, assim já duas vezes afastados desde o início da incompreensível realidade natural do dia 16 de junho de 1904.
- ❖ Joyce escreve ao Carlo Linati (c. 1921) que *Ulysses* é um romance sobre “o ciclo do corpo humano”.
- ❖ Declan Kiberd □ “Joyce escreve um ‘épico do corpo’, materialista. Com um relato minucioso de suas funções e frustrações” (Trad. Galindo, p.14) □ Conexão entre o físico e o tecnológico



LUNGS

Robert
Motherwell
(1915-1991)

Retórica



- ❖ Deliberativo □ Professor MacHugh reproduzindo o discurso de J.F. Taylor (M.P.)
- ❖ judiciário □ defesa de Seymour Bushe do seu cliente no caso de fratricídio (caso do assassinato Childs)
- ❖ epidíctico □ “ERIN, GREEN GEM OF THE SILVER SEA” (p.256) (uso de recursos estilísticos com abundância)
- ❖ **Entimema:** “no *aristotelismo*, silogismo formulado apenas em função de seu efeito retórico, carente de rigor formal, por elidir premissas consabidas, ou rigor teórico, por utilizar argumentos apenas prováveis.” □ persuasão retórica

UM HOMEM DE MORAL ELEVADO

“A mais bela exibição de oratória que eu ouvi na minha vida foi um discurso feito por John F. Taylor na sociedade histórica universitária. O juiz Fitzgibbon, o atual juiz de recursos, tinha falado e o artigo em debate era um ensaio (novo pra aqueles tempos), que advogava pelo renascimento da língua irlandesa. (p.278)

<https://www.youtube.com/watch?v=FjdMHgexLe0>
IMPROMPTU
(p. 279)

Ele começou:

— *Senhor Presidente, senhoras e senhores: Foi grande minha admiração ao ouvir as considerações dirigidas à juventude da Irlanda agora há pouco por meu erudito companheiro. Pareceu-me ter sido transportado a um país distante deste país, a uma era afastada desta era, e que estava eu no antigo Egito, ouvindo o discurso de certo sumo sacerdote daquelas terras, dirigido ao jovem Moisés.*

1. Deliberativo e epidíctico: discurso de John F. Taylor

Seus ouvintes mantinham no ar os cigarros para ouvir, sua fumaça subindo em caules frágeis que floriam com suas palavras. *E que nossos fumos retorcidos.* Palavras nobres à vista. Atenção. Será que você podia tentar fazer isso também?

— *E pareceu-me ouvir a voz daquele sumo sacerdote egípcio elevada num tom de semelhante altivez, de semelhante orgulho. Eu ouvi suas palavras e seu significado me foi revelado.*

PATRÍSTICA

Foi-me revelado serem boas as coisas que contudo são corrompidas pois que nem se fossem supremamente boas nem a menos que fossem boas poderiam ser corrompidas. Ah, maldito! Isso é Santo Agostinho.

— *Por que vós, judeus, não aceitais nossa cultura, nossa religião e nossa língua? Sois uma tribo de pastores nômades; nós, um povo poderoso. Não tendes cidades nem riqueza: nossas cidades são colmeias humanas e nossas galés, trirremes e quadrirremes, carregadas de toda sorte de mercadorias sulcam as águas do mundo conhecido. Mal emergistes de condições primitivas: nós temos uma literatura, um clero, uma história milenar e um sistema político.*

Nilo.

Criança, homem, efigie.

À margem do Nilo as Marias do bebê se ajoelham, berço de junco: um homem ágil em combate: chifrepétreo, barbapétrea, coração de pedra.

— *Vós orais a um ídolo local e obscuro: nossos templos, majestáticos e misteriosos, são morada de Ísis e Osíris, de Hórus e Amon Rá. Vossas, a servidão, a devoção e a humildade: nossos, o trovão e os mares. Israel é fraco e poucos são seus filhos: o Egito são hostes e terríveis são seus braços. Errantes e ajornalados sois chamados: o mundo treme ante o nosso nome.*

Um arrote surdo de fome clivou sua fala. Elevou a voz arrojado acima dele:

— *Mas, senhoras e senhores, tivesse o jovem Moisés ouvido e aceitado tal visão da vida, tivesse ele curvado a cabeça e curvado a vontade e curvado o espírito diante daquela arrogante admonição jamais haveria tirado o povo escolhido de sua casa de servidão e nem seguido a coluna de nuvem durante o dia. Jamais haveria falado com o Eterno entre relâmpagos no cume do monte Sinai e nem descido com a luz da inspiração brilhando em seu semblante e portando nos braços as tábuas da lei, gravadas na língua dos proscritos.*

Cessou e olhou para eles, gozando o silêncio.

2. Judiciário (p.277)

ITALIA, MAGISTRA ARTIUM

— Ele estava falando de direito probatório, J. J. O'Molloy disse, da justiça romana em comparação com o código mosaico antigo, a *lex talionis*. E citou o Moisés de Michelangelo no Vaticano.

— Ahn.

— Umass poucas palavras escolhidas a dedo, Lenehan prefaciou. Calados!

Pausa. J. J. O'Molloy puxou sua cigarreira.

Falsa bonança. Coisa muito da comum.

Mensageiro sacou sua caixa de fósforos pensativo e acendeu seu charuto. Muitas vezes pensei posteriormente ao recordar aqueles

tempos estranhos ter sido aquele pequeno ato, trivial por si próprio, o acender daquele fósforo, que determinou todo o curso subsequente de ambas nossas vidas.

UM PERÍODO BURILADO

J. J. O'Molloy retomou, esculpando suas palavras.

— Ele disse que ela era: *aquela pétrea efígie de música congelada, córnea e terrível, da divina humana forma, aquele eterno símbolo de sabedoria e profecia que se algo que o engenho ou a mão do escultor forjou no mármore que seja pela alma transfigurado ou que à alma transfigure merece viver, merece viver.*

3. Epidíctico (p.256)

ERIN, GEMA VERDE DO MAR ARGÊNTEO

— Chegou *l'argent*, o professor MacHugh murmurou suave e biscoitosamente para a janela empoeirada.

O senhor Dedalus encarava da lareira vazia o rosto inquisitivo de Ned Lambert, a quem perguntou azedo:

— Santa mãe de Deus, não é de dar azia no cu de um cristão?

Ned Lambert, sentado na mesa, continuou lendo:

— *Ou ainda, percebei os meandros d'um ribeiro murmurejante no que palra em seu caminho, abanado por dulcíssimo zéfiro conquanto 'steja em áspera refrega com os escolhos pedregosos, 'té as revolutas águas dos domínios de Netuno azuis, entre baixios musgosos, tangido pela gloriosa luz do sol ou sob as sombras projetadas sobre seu seio meditabundo pela folhagem arquelhada dos gigantes da floresta. O que achou dessa, Simon? ele perguntou por sobre a borda do jornal. Que tal isso aqui como estilo elevado?*

Contexto histórico e político

❖ SAGAZ, MUITO

“– [Gallaher] Entregou para eles numa bandeja de prata, Myles Crawford disse, toda a merda da história. Pesadelo de que você jamais vai acordar.” (p.273)

❖ A coluna de Nelson

❖ University Question

❖ Easter 1916

❖ The founding of an Irish Free State



1916

A coluna de Nelson (1808), na rua Sackville, Dublin.
Comemora a Batalha de Trafalgar (1805)



Em 1966 o IRA (Irish Republican Army) explodiu a estátua de Nelson no topo e a coluna foi demolida.



Spire
of
Dublin
2000

Propaganda britânica contra o movimento feniano (1866)

PUNCH, OR THE LONDON CHARIVARI.—March 3, 1866.



THE FENIAN-PEST.

IRELAND. "O MY DEAR SISTER, WHAT ARE WE TO DO WITH THESE TROUBLE-SOME PEOPLE?"
BRITANNIA. "TRY ISOLATION FIRST, MY DEAR, AND THEN——"



Dublinenses.

— Duas vestais de Dublin, Stephen disse, idosas e pias, viveram cinquenta e cinquentetrês anos na Fumbally's Lane.

Noite úmida prenhe do odor do pão faminto. Contra o muro. O rosto reluzindo sebo sob seu xale berrante. Corações frenéticos. Registros acásicos. Mais rápido, benhê!

Vamos agora. Arrisque. Faça-se a vida.

— Elas querem contemplar a vista de Dublin do alto da coluna de Nelson. Economizam três xelins e dez pence num cofrinho de caixa de correio vermelha de lata. Elas sacodem as moedinhas de três pence e uma de seis pence e puxam os tostões com a lâmina de uma faca. Dois e três de prata e um e sete em cobres. Elas vestem as toucas e a roupa de missa e levam os guardachuvas por medo de que acabe chovendo.

— Sábias virgens, o professor Machugh disse.

A VIDA A CRU

— Elas compram um xelim e quatro pence de bulho e quatro fatias de broa no restaurante North City na Marlborough Street com a senhora Kate Collins, proprietária... Adquirem vintequatro ameixas maduras de uma menina no pé da coluna de Nelson pra lavar a sede do bulho. Dão duas moedinhas de três pence pro cavalheiro da catraca e se põem a passinhar lentas pela escada caracol, bufando, uma encorajando a outra, com medo do escuro, de língua de fora, uma perguntando à

outra o bulho está com você, louvando a Deus e à Santa Virgem, ameaçando descer, espiando pelas frestas de ventilação. Glória a Deus. Elas nem imaginavam que aquilo era tão alto.

Seus nomes são Anne Kearns e Florence MacCabe. Anne Kearns tem lumbago que massageia com a água de Lourdes que pegou com uma senhora que ganhou uma garrafada de um padre passionista. Florence MacCabe janta um pezunho com uma garrafa de Guinness xx todo sábado.

— Antítese, o professor disse, concordando com a cabeça duas vezes. Virgens vestais. Eu consigo até ver as duas. O que estará segurando o nosso amigo?

Ele se voltou.

Um bando de jornalheiros galopantes descia às pressas os degraus, galopando em todas as direções, gritando, jornais brancos farfalhando. Logo atrás deles Myles Crawford apareceu na escada, chapéu aureolando o rosto escarlate, conversando com J. J. O'Molloy.

— Vem com a gente, o professor gritou, acenando com o braço.

Ele seguiu novamente para andar ao lado de Stephen.

QUE COLUNA! –
FOI O QUE DISSE A PASSINHADORA NÚMERO UM

– Essa é nova, Myles Crawford disse. Isso é material publicável!. A caminho do piquenique das costureiras. Dyas velhinhas safadas, é isso?

— Mas elas ficam com medo que a coluna caia, Stephen prosseguiu. Elas veem os telhados e discutem onde estão as diferentes igrejas: a abóbada azul de Rathmines, Adão e Eva, São Lourenço O’Toole. Mas ficam tontas de olhar e aí levantam as saias...

ESSAS SENHORAS MEIO EXIBIDINHAS

— Devagar com o andor, Myles Crawford disse, sem licença poética. Nós estamos na arquidiocese aqui.

— E se acomodam nas anáguas listradas, espiando lá em cima a estátua do adúltero monomãoniaco.

— Adúltero monomãoniaco! o professor exclamou. Gostei dessa. Estou entendendo a ideia. Estou entendendo o que você quer dizer.

DAMAS DOAM AOS ÍNCOLAS DE DUBLIN CELERIDRÁGEOS
AERÓLITOS, DEVERAS

— Isso deixa as duas com um maujeito no pescoço, Stephen disse, e elas estão cansadas demais para olhar para cima ou para baixo ou para falar. Colocam o saco de ameixa entre elas e comem as ameixas uma depois da outra, limpando com os

lencinhos o sumo de ameixa que lhes baba da boca e cuspiendo lentamente os caroços pela balaustrada.

Ele soltou uma súbita gargalhada alta e jovem por desfecho. Lenehan e o senhor O’Madden Burke, ouvindo, voltaram-se, chamaram com sinais e seguiram na vanguarda na direção do Mooney’s.

— Acabou? Myles Crawford disse. Desde que elas não façam coisa pior.

(p.287-88)

...

VIRGILIANO, DIZ O PEDAGOGO.
SOMÔFORO MAISQUER O VELHO MOISÉS

– Intitule, espere, o professor disse, abrindo bem os lábios longos para refletir. Intitule, deixa ver. Intitule: *deus nobis haec otia fecit*.

– Não, Stephen disse, o meu título é *Do Pisga Vê-se a Palestina* ou a *Parábola das Ameixas*.

– Entendi, o professor disse. Ele riu exuberantemente.

– Entendi, ele disse outra vez com renovado prazer. Moisés e a terra prometida. Nós demos essa ideia a ele, ele acrescentou para J. J. O’Molloy.

(p.289)

REPRESENTAÇÕES VISUAIS DE *ULYSSES*

Exemplos:

- Henri Matisse
- Robert Motherwell
- David Norris e Carl Flint
- Richard Hamilton



THIS EDITION OF JAMES JOYCE'S ULYSSES
CONSISTS OF FIFTEEN HUNDRED COPIES
MADE FOR THE MEMBERS OF
THE LIMITED EDITIONS CLUB
THE ILLUSTRATIVE ETCHINGS AND DRAWINGS
HAVING BEEN CREATED ESPECIALLY

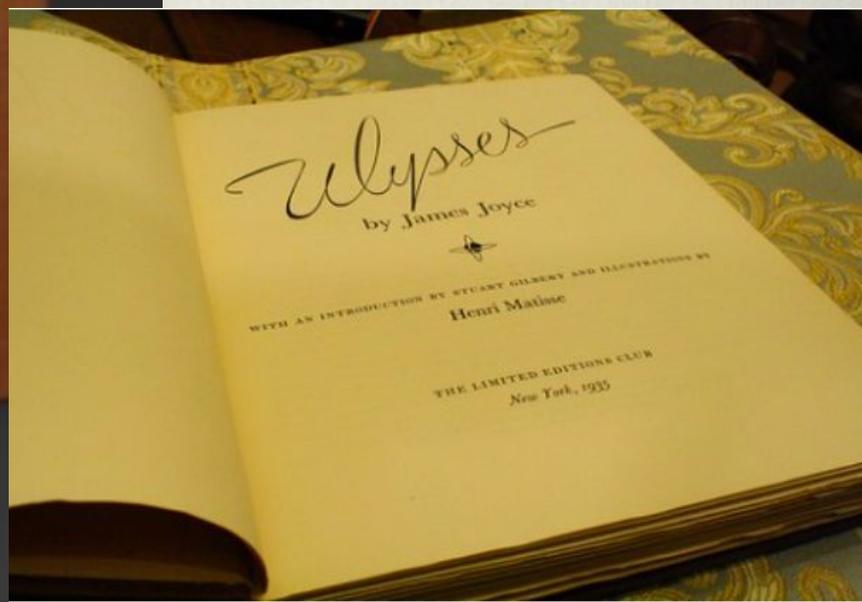
FOR THIS EDITION BY

HENRI MATISSE

THE EDITION WAS DESIGNED BY GEORGE MACY
AND PRINTED AT THE PRINTING-OFFICE OF
THE LIMITED EDITIONS CLUB, THIS COPY BEING

NUMBER 21

SIGNED BY *Henri - Matisse*



Ulysses
by James Joyce

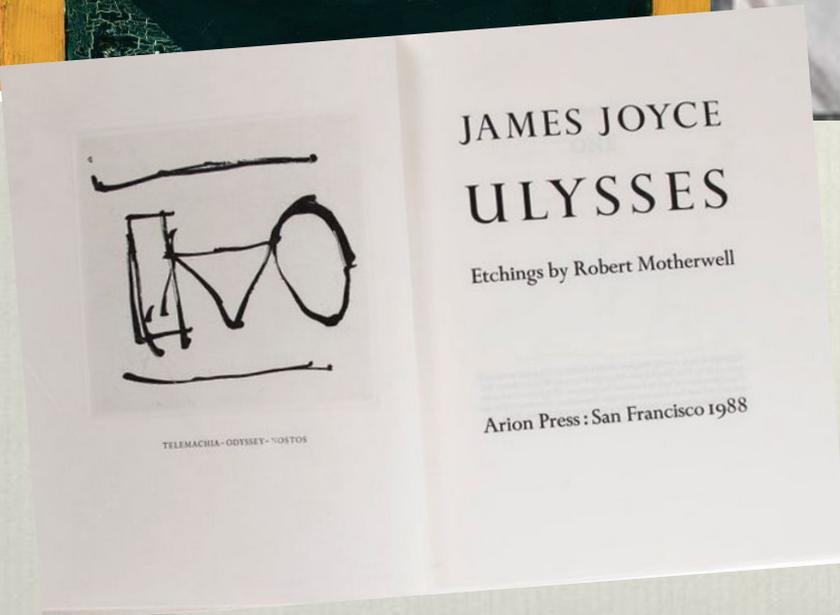
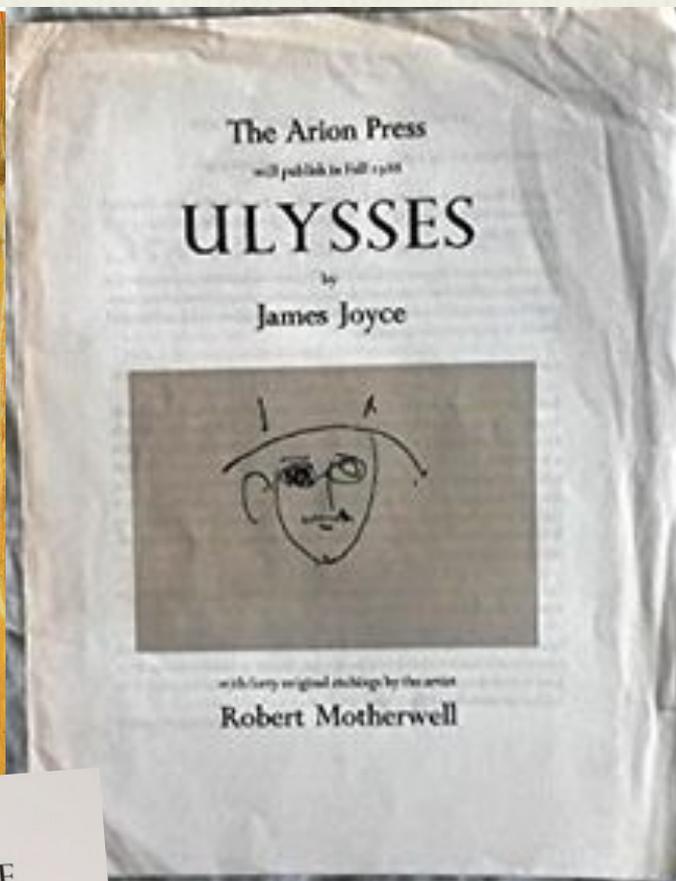
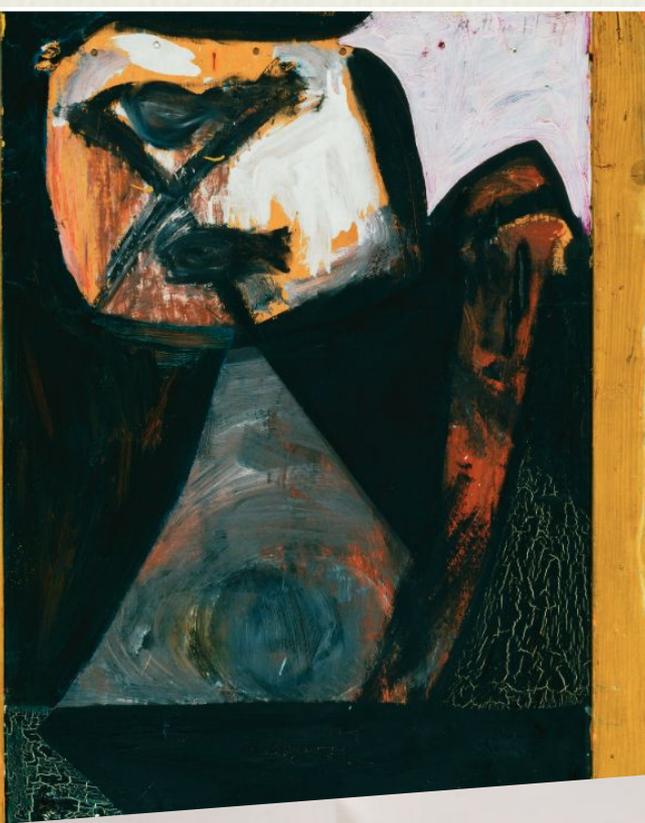
WITH AN INTRODUCTION BY STUART GILBERT AND ILLUSTRATIONS BY
Henri Matisse

THE LIMITED EDITIONS CLUB
New York, 1935

Illustrations of Joyce's
Ulysses. 1935
Henri Matisse

Ulisses furando o olho do
ciclope Polifemo.





Robert Motherwell
(1915-1991)

62 etchings, including the suite of 22 etchings (20 in colors), 1988

Robert Motherwell, *Ulysses*, 1947. Oil paint on cardboard on wood. Tate Modern, London.

David Norris and Carl Flint
Joyce for Beginners. Icon Books, 1996

